

Špánková, Silvie; Cardoso, Dulce Maria

Cardoso, Dulce Maria (1964): O Retorno (2011)

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 36-37

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130534>

Access Date: 26. 03. 2025

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Cardoso, Dulce Maria (1964): O Retorno (2011)

Como aliás indica já o título, o romance questiona a problemática dos retornados, os ex-colonos que depois da Independência dos países africanos “regressaram” a Portugal. Os termos de retorno e retornados, no entanto, são na perspectiva do romance problemáticos, já que indicam um regresso ao ponto de partida, esse que muitos dos retornados na verdade nunca viram e consideram alheio, distante, desconhecido. Por isso mesmo, baseando-se na experiência pessoal, a autora escolhe a perspectiva dum personagem adolescente para mostrar o quão de traumático e doloroso esse retorno foi para as pessoas nascidas em África. Trata-se de um bom exemplo de reflexão sobre assunto que, por muitos anos, constituiu um tabu no discurso político-social e que, atualmente, começa a ser devidamente abordado.

É a primeira vez que estamos num hotel, é a primeira vez que estamos a dormir num quarto de hotel e também é a primeira vez que estamos a dormir os três no mesmo quarto. Na casa antiga eu e a minha irmã partilhávamos o quarto mas éramos pequenos, éramos tão pequenos que ainda tínhamos medo do escuro, das lesmas e das osgas. A mãe sempre dormiu noutra quarto com o pai. A não ser quando um de nós estava doente. Aí mudava-se para a nossa cama e deixava as almofadas a cheirar à laca que punha no cabelo. Mas tirando os casos de doença a mãe sempre dormiu com o pai noutra quarto. Só que o pai não está cá. Quarto 315. O porteiro que nos ajudou a trazer as malas disse que tivemos sorte, é um quarto com varanda virada para o mar. Também nunca dormimos tão perto do mar.

Os três deitados, de luz apagada, ouvindo a respiração uns dos outros. A mãe e a minha irmã nas camas boas de que a directora falou e eu no divã que encostámos à parede. A luz do néon da loja de fotografia que fica em frente ao hotel passa as cortinas corridas e ilumina o quarto. Acende e apaga, acende e apaga. O mar está tão perto que se ouvem as ondas contra a noite da metrópole. Não quero fechar os olhos. Se fecho os olhos o pai é outra vez levado pelos pretos, as mãos amarradas atrás das costas, se fecho os olhos estou outra vez a desmaiar, não, não cheguei a desmaiar, aconteceu qualquer coisa que não me lembro mas não foi um desmaio, o pai pôs-me a mão no ombro, vamos para casa, rapaz, comecei a ver tudo branco, ceguei como os pássaros devem cegar quando se atiram contra as paredes e morrem. Eu não morri mas quando voltei a mim o pai estava a ser metido no jipe com a sua própria arma apontada à cabeça, um dos soldados, vamos matar-te com a tua arma e com a tua bala nem precisamos de gastar nada. Não, os cabrões de merda não falaram assim que os cabrões de merda nem falar sabem, vámo matáti cum tuá arma e tuá bala nei precisámo di gastá nada. O tio Zé

e o Nhé Nhé vão falar com os amigos deles e os cabrões de merda vão ter de soltar o pai, até lhe vão pedir desculpa por terem dito que ele era o carnicheiro do Grafanil ou amigo dele. Se calhar até já o soltaram e o pai está a arranjar bilhete de avião para vir ter connosco. É isso, a esta hora o pai já está dentro de um avião para vir ter connosco.

Não precisámos de combinar que fariamos segredo sobre o que aconteceu ao pai. Foi a mãe, apesar da cabeça fraca, que começou a mentir quando saímos do avião. Descemos as escadas do avião e a minha irmã disse, estamos na metrópole. Não sabíamos o que havíamos de fazer. Foi esquisito pisar na metrópole, era como se estivéssemos a entrar no mapa que estava pendurado na sala de aula. Havia sítios onde o mapa estava rasgado e via-se um tecido escuro ou sujo por trás, um tecido rijo que mantinha o mapa inteiro e teso. Não sabíamos o que havíamos de fazer e era como se estivéssemos a entrar no mapa rasgado, ou então nas fotografias das revistas, nas histórias que a mãe estava sempre a contar, nos hinos que cantávamos aos sábados de manhã no pátio do colégio. Parecia impossível termos chegado à metrópole. Ainda mais depois do que se passou, ainda mais sem o pai. Nunca pensei estar na metrópole sem o pai. Sem o pai não sabíamos o que fazer mas as outras famílias também não sabiam, e agora, e agora, perguntavam. Em quase todas as respostas uma palavra que nunca tínhamos ouvido, o IARN, o IARN, o IARN. O IARN paga as viagens para a terra, o IARN põe-nos em hotéis, o IARN paga o transporte para os hotéis, o IARN dá-nos comida, o IARN dá-nos dinheiro, o IARN ajuda-nos, o IARN aconselha-nos, o IARN pode informar-nos. Nunca tinha ouvido tantas vezes uma palavra, o IARN parecia mais importante e mais generoso do que deus. Explicaram-nos, IARN quer dizer Instituto de Apoio ao Retorno dos Nacionais. Agora somos retornados. Não sabemos bem o que é ser retornado mas nós somos isso. Nós e todos os que estão a chegar de lá.

(CARDOSO, Dulce Maria. *O Retorno*. Lisboa: Tinta da China, 2011, p. 75-77)

Atividades:

1. Descreva as sensações do protagonista/narrador ao chegar ao hotel.
2. Comente a atividade do IARN. Qual é a atitude do protagonista/narrador relativamente a este instituto?